

“EM SEIS DIAS, ISTO É, EM SEIS MIL ANOS, TODAS AS COISAS ESTARÃO TERMINADAS”

O tema da “semana cósmica” nos autores cristãos anteriores a Irineu

Fabrizio Santos Barbacena*

RESUMO

A idéia de que o mundo atual duraria seis mil anos, antes que ocorresse a segunda vinda de Cristo e se instaurasse o seu reino milenar sobre a terra, é um tema presente em alguns dos padres da Igreja e pode ser identificado, de modo claro, em sua forma plena desde, pelo menos, Irineu de Lião (séc. II – início do III). O presente trabalho buscará analisar os autores cristãos pré-Irineu que trabalham o tema da correlação entre dias e milênios (segunda Epístola de Pedro – 2Pe –, a epístola do Pseudo-Barnabé e Justino Mártir), para descobrir se há dados para se dizer que estes também acreditaram em uma história com duração de seis milênios antes que se instaurasse o reino sabático milenar do Messias no fim dos tempos.

Palavras-chave: Semana cósmica; milenarismo; Irineu; Pseudo-Barnabé; 2Pe; Justino Mártir.

ABSTRACT:

The conception of the current world as lasting six thousand years before Christ's second coming with the instituting of His millennial kingdom on Earth is a topic present in some Church Fathers, and it can be clearly identified in its complete version, at least, in Irenaeus

* Historiador e mestre em História Social pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador do Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos (PEJ).

of Lion. This article aims to analyze the Christian authors before-Irenaeus who dealt with the subject of the days related to millennia (i.e., the second Epistle of Peter – 2Pe –, the epistle of Pseudo-Barnabas and Justin Martyr) and to discover if there are available data to state that they also believed in history as having a duration of six millennia before the beginning of Christ’s millennial kingdom at the end of the times.

Keywords: Cosmic week; millenarianism; Irenaeus; Pseudo-Barnabas; 2Pe; Justin Martyr.

“O Cristianismo começou com o anúncio de que o tempo e a história estavam prestes a terminar”¹. Nas primeiras décadas de sua existência, as comunidades cristãs eram dominadas pela expectativa da volta iminente de Jesus, um sentimento do qual dão testemunho vários textos da época². Contudo, na medida em que a Parusia era cada vez mais adiada e o tão ansiado fim da história não se concretizava, surgia a oportunidade para que novas especulações fossem difundidas, dentro dos círculos cristãos, sobre quando se daria a volta de Jesus e os eventos escatológicos a ela relacionados.

Dentre esses verdadeiros “cálculos para o fim do mundo”, formou-se no seio de certas comunidades cristãs antigas uma tradição que afirmava que o mundo presente duraria seis mil anos. Os autores que defendiam esse posicionamento argumentavam que, da mesma forma que tudo foi criado em seis dias, de acordo com o relato de Gn 1, assim também a criação, em seu estado atual, deve existir durante seis mil anos, com um dia significando um período de mil anos. Passados seis milênios, de acordo com eles, ocorreria a Segunda Vinda de Cristo, que marcaria o término do mundo tal como nós o conhecemos e o início de uma nova era.

¹ FREDRIKSEN, Paula. Apocalypse and redemption: from John of Patmos to Augustine of Hippo. In: *Vigiliae Christianae* 45 (1991): 151.

² Cf. FREDRIKSEN, Apocalypse and redemption, p. 168: “Paulo, de modo contínuo, pregava a Parousia iminente, desde suas cartas mais antigas conservadas (1Ts 1:10; 4:13-17; 5:23) até sua última (p.ex., Rm 13:11)”. Apesar de a autora pressupor neste trecho uma unidade de autoria das cartas canônicas atribuídas a Paulo que está longe de ser consenso na academia, sua afirmação de que a idéia da proximidade do fim está presente em diversas passagens desse *corpus* documental mostra-se correta. Dentre os primeiros documentos do cristianismo, deve-se lembrar também do Apocalipse de João, o qual possui uma idéia do fim como iminente que se apresenta desde os versículos iniciais (Ap 1:1-3 – “Revelação de Jesus Cristo... Feliz o leitor e os ouvintes se observarem as coisas nela escritas, *porque o tempo está próximo*) até os finais do livro (Ap 22:20 – “Aquele que atesta estas coisas diz: Sim! *Eu venho depressa*”). Para uma seleção de alguns dos textos de Ap que deixam transparecer uma escatologia iminentista, cf. FREDRIKSEN, Apocalypse and redemption, p. 152.

Em um número um pouco mais restrito de autores cristãos, a tradição relatada no parágrafo anterior (a qual poderia muito bem ser nomeada de “hexaquiliasta” ou “sesmilenarista”³), devido a sua crença de que a história durará seis mil anos, contados desde as origens até a Segunda Vinda de Cristo) juntou-se, quase naturalmente, com a profissão de algum tipo de milenarismo ou quiliastro, ou seja, a crença “em um reino de mil anos de Cristo e de seus santos sobre a terra, entre sua Segunda Vinda e o Julgamento Final”⁴. A história, para os cristãos que professavam ao mesmo tempo o sesmilenarismo (“este mundo durará seis mil anos”) e o milenarismo literal (“haverá um reino de mil anos no fim dos tempos”), era organizada a partir de uma “lógica sabática”, na qual o ritmo da semana inicial da criação ordenaria o próprio desenvolvimento septimilenar do cosmos⁵. Por esse motivo, estes últimos autores podem muito bem ser chamados de “heptaquiliastas” ou “septimilenaristas” e devem ser diferenciados, por um lado, daqueles pensadores que só professavam o milênio do reino terreno, sem se posicionarem a favor da idéia da duração do mundo como sendo de seis mil anos; e, por outro, dos autores que, embora fazendo declarações de ordem hexaquiliasta, não deixaram transparecer com toda certeza uma adesão a algum tipo de milenarismo literal ou simplesmente o negaram.

Deve-se esperar até Irineu de Lião (c. metade do séc. II – início do séc. III⁶) para que se tenha um testemunho inequívoco da defesa de uma história septimilenar, na qual se encontre a união da crença nos seis mil anos com a idéia do milênio do reino messiânico sobre a terra, nos moldes de Ap 20.⁷ Em Irineu, tanto a crença no milenarismo literal

³ Com o numeral latino “sex” (seis) ligeiramente modificado, por motivos de eufonia, para “ses” e colocado como prefixo de “milenarismo” e palavras derivadas.

⁴ Definição oferecida por HILL, Charles E. *Regnum Caelorum: patterns of millennial thought in early Christianity*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2001, p. 1. O texto de Ap 20 será, sem dúvida, uma das mais influentes fontes para o desenvolvimento de crenças e movimentos milenaristas cristãos ao longo da história do Ocidente.

⁵ A expressão “lógica sabática” foi utilizada por COLLINS, Adela. Numerical symbolism in Jewish and early Christian apocalyptic literature. In: HASSE, Wolfgang; TEMPORINI, Hildegard (ed.). *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Berlin: De Gruyter, 1984, que identificou, em vários escritos judaicos canônicos e extracanônicos, uma tendência de se ordenar e conferir significado a períodos de tempo determinados ou até mesmo à totalidade da história por meio da sua divisão em sete ou em múltiplos de sete (anos, semanas de anos ou jubileus de anos). A idéia de “semana cósmica”, ou seja, de que o mundo duraria sete mil anos, seis na condição atual de trabalhos e sofrimentos, até que venha o sétimo milênio do *sabbath* dos santos, poderia assim ser considerada, em algum nível, uma permanência, em meio cristão, desse modo de pensar a história através de múltiplos de sete presentes no pensamento judaico. Contudo, é também um desenvolvimento, em larga escala, dessa forma de dividir o tempo ao aplicar sua lógica sabática à própria totalidade do curso da história humana.

⁶ Sobre as dificuldades de datação da vida de Irineu, cf. QUASTEN, Johannes. *Patrologia*. Vol. 1: hasta el Concilio de Nicea. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1991, pp. 287-288.

⁷ Cf. IRINEU. *Contra as heresias* 5.23-36, *apud* COXE, A. Cleveland. The Apostolic Fathers with Justin Martyr and Irenaeus. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James (eds.). *The ante-Nicene fathers: translations of the writings of the father down to A.D. 325*. Vol. 1. Edinburgh/Grand Rapids: T. & T. Clark/Eerdmans, 1989-1990, pp. 551-567.

quanto a idéia de “semana cósmica” como um todo encontram um dos seus maiores expoentes e defensores. Assim ele resume sua expectativa do término do mundo presente depois de completados os seis mil anos:

Pois, em quantos dias este mundo foi criado, assim em tantos mil anos ele deverá ser finalizado. E por esta razão a Escritura diz: “Então o céu e a terra foram completados, e todos os seus adornos. E Deus pôs um término, no sexto dia, nas obras que ele fizera; e Deus descansou no sétimo dia de todas as suas obras” [Gn 2:2]. Este é o relato das coisas anteriormente criadas, como também é uma profecia do que está por vir. Pois o dia do Senhor é como mil anos⁸, e em seis dias as coisas criadas foram terminadas. É evidente, portanto, que elas chegarão a um fim no sexto milênio⁹.

E, depois de falar um pouco mais sobre o reino escatológico do anticristo¹⁰, Irineu faz sua longuíssima defesa do reino messiânico terreno do fim dos tempos, considerado tanto como uma realidade imprescindível para que sejam cumpridas diversas passagens das Escrituras que não devem ser entendidas em sentido alegórico¹¹, quanto como um estágio necessário no progresso espiritual dos justos, que precisam ser acostumados ao futuro gozo de Deus no céu durante esse período do reino de Cristo sobre a terra¹².

Em Irineu, toda essa ênfase na literalidade do milênio, que há de ser um tempo em que os justos ressuscitados gozarão de delícias sobre a terra (inclusive corporais)¹³ e estarão se adaptando ao gozo da natureza divina, é altamente compreensível. Com efeito, interpretar de modo alegórico passagens das Escrituras, tais como “não bebereis mais do fruto desta vinha até aquele dia, quando eu o beberei, novo, com vocês no reino de meu Pai”¹⁴, ou sobre a herança da terra prometida e da morada do povo de Deus nela¹⁵ seria dar munição

⁸ Provável referência a Sl 89(90):4 e/ou 2Pe 3:8, textos basilares para a fundamentação de crenças hexa e heptaquiliastas.

⁹ IRINEU. *Contra as heresias* 5.28.3.

¹⁰ IRINEU. *Contra as heresias* 5.29-30.

¹¹ IRINEU. *Contra as heresias* 5.32-35.

¹² Cf. IRINEU. *Contra as heresias* 5.32.1, onde Irineu fala do reino messiânico “por meio do qual aqueles que serão dignos hão de ser acostumados gradualmente a participar da natureza divina (*capere Deum*)”.

¹³ Cf. *Contra as heresias* 5.33.3, onde Irineu reproduz os “ditos dos anciãos”, relatados por Páprias, de que haveria uma enorme abundância de trigo e uvas, até mesmo com cachos de uva enormes que gritariam: “eu sou um cacho melhor, pegue-me”, quando outro estivesse para ser colhido em seu lugar.

¹⁴ Mt 26:27.

¹⁵ Cf. *Contra as heresias* 5.33-35.

para aqueles que negavam que as pessoas haveriam de ressuscitar corporalmente um dia, uma dentre as muitas opiniões tidas por ele como heréticas e combatidas ao longo de sua obra. Na busca por defender a idéia de ressurreição corporal, Irineu tomou para si a defesa também da idéia do milênio, entendida dentro de sua concepção teológica da progressividade da revelação e do aprofundamento gradativo do contato do homem com Deus¹⁶. A crença na história como sucessão de seis milênios, antes do advento do sétimo, de repouso sabático dos santos, funciona como um elemento apologético a mais, na bem-estruturada argumentação de Irineu em favor do seu milenarismo, que é, em última análise, uma peça-chave dentro da sua defesa da crença cristã na ressurreição dos mortos.

Contudo, se o septimilenarismo de Irineu é claro e bem desenvolvido, o mesmo não se pode dizer de maneira tão enfática sobre os outros autores cristãos a serem analisados nesse trabalho, que escreveram antes dele: o autor da segunda carta de Pedro (2Pe), o Pseudo-Barnabé (Bn) e Justino de Roma. Nas páginas seguintes, as dificuldades (ou impossibilidades, em certos casos) para se provar que algum dos autores dos documentos acima citados chegou a professar a idéia de “semana cósmica” serão apresentadas e analisadas de modo mais detido.

O primeiro texto cristão hexaquiliasta pré-Irineu a ser analisado aqui é a carta do Pseudo-Barnabé¹⁷. Muito se discute a datação deste escrito, pois, embora haja uma referência clara à destruição do Templo de Jerusalém no seu capítulo 15 (o que a faz necessariamente posterior a 70 d.C.), não há no texto outras passagens inequívocas sobre eventos históricos determinados, de modo que certos autores chegaram a postular datas tão tardias quanto 150 ou depois como *terminus ad quem* de composição. No texto vemos um cristão muito versado nas Escrituras judaicas argumentar que, depois que os judeus construíram o bezerro de ouro no deserto (cf Ex 32:1-35), a Aliança que Deus acabara de fazer com estes tinha sido cancelada. Pois, segundo o autor, após Deus ter dito a Moisés no Sinai: “desça rapidamente, porque teu povo pecou, ele que tu tirastes da terra do Egito”¹⁸, Moisés teria entendido a vontade de Deus e, por isso, “ele jogou fora as tábuas, e as tábuas do Testamento do Senhor foram quebradas”¹⁹, de modo que “a Aliança deles [dos judeus] foi

¹⁶ Sobre estes temas da concepção teológica de Irineu, cf. as referências e considerações presentes em LUNEAU, Auguste. *L'histoire du salut chez les Pères de l'Église: La doctrine des âges du monde*. Paris: Beauchesne, 1964, pp. 101-103.

¹⁷ Aqui também abreviado com Bn.

¹⁸ Ex 32:7, citado a partir da tradução de Bn presente em COXE, *Apostolic Fathers*, p. 139.

¹⁹ Bn 16.

quebrada, a fim de que a aliança do amado Jesus pudesse ser selada sobre nossos corações, na esperança que brota do crer Nele”²⁰.

No capítulo 15, o autor que escreve no nome de Barnabé apresenta a sua interpretação para os comandos da observância do sábado, um dos vários preceitos contidos nas Escrituras que, de acordo com ele, os judeus não compreenderam ou praticavam de maneira incorreta. Ao lembrar que o descanso do Criador no sétimo dia é mencionado no começo das Escrituras, após as obras que ele tinha realizado nos seis dias anteriores (Gn 2:2), Barnabé afirma:

Atenção, meus filhos, para o significado da expressão: “Ele terminou em seis dias”. Isto implica que o Senhor terminará todas as coisas em seis mil anos, pois um dia é junto a ele mil anos. E Ele próprio dá testemunho, dizendo: “Eis que hoje será como mil anos”. Portanto, meus filhos, em seis dias, isto é, em seis mil anos, todas as coisas estarão terminadas.

Em seguida, Barnabé fala sobre sua interpretação do descanso de Deus, a qual tem um viés marcadamente escatológico:

“E Ele descansou no sétimo dia”. Isso significa: quando seu Filho, vindo [novamente], destruir o tempo do homem perverso, e julgar o infiel, e mudar o Sol, a Lua e as estrelas, então ele verdadeiramente descansará no sétimo dia.

Embora seja tentador, não é possível afirmar, de maneira categórica, como faz Quasten, que “o autor é milenarista”²¹, ou declarar sem sobra de dúvidas, com Daniélou, que “a mais antiga [defesa do mundo como tendo duração de sete mil anos] se encontra na epístola do Pseudo-Barnabé”²², opinião compartilhada por Adela Collins²³. A idéia de ser Barnabé o primeiro autor a defender a concepção da “semana cósmica”, isto é, que o mundo duraria seis mil anos antes da chegada do reino messiânico milenar (o que o tornaria, assim, o primeiro heptaquiliasta) não se baseia numa declaração expressa da carta sobre o sétimo dia

²⁰ Bn 4.

²¹ QUASTEN, *Patrología*, p. 97.

²² DANIELOU, Jean. La typologie millenariste de la semaine dans le christianisme primitif. In: *Vigiliae Christianae* 2 (1948): 6.

²³ COLLINS, *Numerical symbolism*, p. 1238.

também durar mil anos, pois esta não existe ali. Os autores modernos que sustentaram tal opinião foram levados, provavelmente, pelo raciocínio de que se a relação “um dia é igual a mil anos” vale para os seis primeiros dias, deveria ser válida também para o último, o sétimo, que, desta forma, teria em Barnabé a mesma duração e, talvez, as mesmas funções intermediárias do reino de mil anos dos justos sobre a terra, tal como encontrado em Ap 20. Esse argumento ganharia mais força ainda caso se pensasse que Barnabé parece se referir, um pouco adiante, a um estado depois do sétimo, o “oitavo dia, isto é, o começo de outro mundo”²⁴, ou seja, o sétimo dia seria entendido por ele como uma era temporária. Essa é uma argumentação possível, mas se o capítulo 15 for analisado de novo e em conjunto com outras informações contidas no texto, outra hipótese poderia ser levantada e sustentada.

Com efeito, no capítulo 6 Barnabé faz a seguinte interpretação da “terra que jorra leite e mel” [Ex 33:3]:

O que, então, significa o leite e o mel? Isto: que, como a criança é mantida viva primeiro pelo mel e então pelo leite, assim também nós, sendo apressados e mantidos vivos pela fé da promessa e pela palavra, viveremos governando sobre a terra. Mas Ele [ou seja, Deus] disse acima: “Que eles cresçam e governem sobre os peixes” [cf. Gn 1:28]. Quem então é capaz de governar as bestas, ou os peixes, ou as aves do céu? Pois nós devemos perceber que governar implica autoridade, de modo que se deve comandar e controlar. Se, portanto, isto não existe no presente, todavia ele ainda promete isso a nós. Quando? Quando nós mesmos também tivermos nos tornado perfeitos, de maneira que nos tornemos herdeiros da aliança do Senhor²⁵.

Conquanto Hill advogue a “natureza espiritualizante” da terra prometida no trecho supracitado²⁶, a impressão que se teve durante a sua releitura foi bem diferente. Ao falar que “viveremos governando sobre a terra”, Barnabé parece apontar para um reino terreno futuro dos cristãos sobre a terra. Tal trecho é seguido por declarações de caráter visivelmente escatológico, quando chegará o momento em que os seres humanos verão ser

²⁴ Bn 15.

²⁵ Bn 6.

²⁶ Cf. HILL, *Regnum Caelorum*, p. 43.

cumprida a promessa (dentre outras feitas por Deus) de que eles governarão os animais – com o termo “governar” aqui entendido como não apenas “ser superior” a eles, mas sim como ter o controle sobre animais plenamente dóceis e submissos aos seus comandos, uma situação futura que “não existe no presente”, mas que foi prometida a nós por Deus e, portanto, irá se concretizar em um momento escatológico, “quando nós mesmos também tivermos nos tornado perfeitos, de maneira que nos tornemos herdeiros da aliança do Senhor”.

Esta última frase de Barnabé, do trecho do capítulo 6 supracitado, pode ser mais bem compreendida se comparada com o fim do capítulo 15, na passagem em que ele explica como os cristãos irão colocar em prática o preceito de santificar o sábado, o qual também não era cumprido pelos judeus como deveria ser. Ali ele está tratando do mesmo “quando” escatológico referido no capítulo 6, momento em que se dará, dentre outros acontecimentos, a plena submissão dos animais aos comandos dos seres humanos citada anteriormente. Eis o trecho:

Se, portanto, alguém consegue santificar agora o dia que o Senhor santificou, a não ser que ele seja puro no coração em todas as coisas, nós somos enganados. Considerai, portanto: Certamente, então, alguém o santifica, descansando, de modo adequado, quando nós mesmos, tendo recebido a promessa, não existindo mais a iniquidade, e todas as coisas tendo sido feitas novas pelo Senhor, seremos capazes de praticar a retidão. Então, nós seremos capazes de santificá-lo, tendo primeiro sido nós mesmos santificados. Além disso, Ele [o Senhor] diz a eles [judeus]: “suas luas novas e seus sábados, eu não posso suportar” [Is 1:13]. Percebam como Ele fala: seus *sabbaths* não são aceitáveis para mim, mas isto é o que eu tenho feito [exatamente isto], quando, dando descanso a todas as coisas, eu farei o começo de um oitavo dia, isto é, o começo de um outro mundo²⁷.

O sábado para Barnabé será, então, o momento em que o mal acabará (“não existindo mais a iniquidade”) e uma transformação do mundo e das criaturas que nela habitam irá ocorrer (“todas as coisas tendo sido feitas novas pelo Senhor”), quando os cristãos justos,

²⁷ Bn 15.

finalmente, santificarão o sábado, ou seja, descansarão das tribulações do mundo presente, depois de ressuscitados. Pelo contexto, pode-se também defender que, quando Barnabé fala do “oitavo dia”, ele não se refere a um período posterior ao sétimo, mas dá outro nome para este, com o “sétimo” e o “oitavo dia” como sinônimos. Com efeito, o oitavo dia aparece aqui contraposto aos *sabbaths* dos judeus, não agradáveis a Deus, e dentro de um contexto que identifica a verdadeira observância do sábado com a era que há de vir, depois de passados seis mil anos desde a criação do mundo. Pensar que Barnabé teria mudado, sem aviso prévio e de modo totalmente abrupto, do tema do sétimo dia do cosmos para tratar de um período que o sucederia, ou seja, o “oitavo dia”, sem falar mais do que poucas linhas sobre essa que seria uma era pós-sabática e definitiva, não parece fazer muito sentido²⁸. Por outro lado, em nenhum momento da epístola o autor afirma que o sétimo dia do cosmos será uma era temporária (condição *sine qua non* para que se possa postular a existência de um período depois do sétimo dia), nem muito menos que ele irá durar mil anos.

Dentro de tudo o que se argumentou até agora sobre o entendimento do “sétimo dia” da história na epístola de Barnabé, pretende-se propor a seguinte reconstrução das linhas gerais do seu pensamento escatológico, a qual explicita e desenvolve algumas das interpretações acima desenvolvidas: depois que o mundo chegar ao fim do seu sexto milênio de existência, começará uma era em que os justos governarão sobre a terra transformada, onde os próprios animais estarão submissos a eles em tudo, o mal não mais existirá e o Senhor descansará nas pessoas que haverão de descansar. Neste sétimo dia haverá um novo mundo, “o começo do oitavo dia”, que é idêntico ao sétimo e, sem nenhum período que seja pensado como posterior a ele (se estiver realmente correta a hipótese da identificação do sétimo dia da história com o oitavo em Barnabé), o sétimo dia deve ser tido como um período de gozo eterno dos santos sobre a terra. Tal perspectiva de uma escatologia plenamente realizada neste mundo por meio de um reinado eterno dos justos sobre a terra não seria uma novidade formulada por Barnabé, pois Norman Cohn identificou tal elemento como presente, por exemplo, na própria descrição do reino

²⁸ Além disso, a referência ao oitavo dia desempenha aqui bem mais uma função de defesa do porquê o domingo é guardado pelos cristãos. O trecho já referido de Bn 15 segue da seguinte forma: “[...] Eu farei o começo de um oitavo dia, isto é, o começo de um outro mundo. Daí também que nós guardamos o oitavo dia com júbilo, o dia no qual também Jesus levantou-se de novo dos mortos”. É desse mesmo modo que Luneau (*L’histoire du salut*, p. 84) entende o tema do oitavo dia em Barnabé: “O sétimo dia não é nada mais do que o repouso de Deus e de seus santos no fim do mundo, dia chamado também oitavo por relação com a ressurreição de Cristo”.

messiânico feita em certas passagens do livro de Daniel, a exemplo de 2:44, 7:14 e 7:27²⁹. E, provavelmente, outros trechos de livros dos profetas judeus sobre o tema do fim da história foram redigidos dentro dessa mesma idéia de uma realização religiosa, sim, mas também terrena e política da nação judaica, transformada, no fim dos tempos.

Contudo, por mais que se argumente sobre a natureza da era escatológica identificada por Barnabé como o “sétimo dia”, os dados que temos disponíveis para formar uma idéia sobre ela são relativamente poucos, de modo que parecem não permitir chegar a conclusões definitivas sobre vários dos seus aspectos, mas apenas lançar algumas hipóteses interpretativas, como as propostas no parágrafo anterior. Dentre as poucas certezas que o texto permite inferir, é mais do que claro que Barnabé esperava que a Parusia e o começo do reino dos cristãos com Cristo (seja quais forem as outras características deste reino) aconteceriam no fim do sexto milênio da história, pois assim ele afirma textualmente. Além disso, o segundo advento de Cristo é entendido como próximo, pois ele chega a falar que se estava vivendo “os últimos dias”³⁰. Se ele pensava o sétimo dia também como um milênio, ou se este seria idêntico ao “oitavo dia” por ele referido no capítulo 15, essas são questões em que não é possível ao historiador alcançar o mesmo grau de certeza da obtida quanto ao seu hexaquiliasmo.

O caso da segunda epístola de Pedro (2Pe) é ainda mais complicado no que se refere à identificação de vestígios de idéias septimilenaristas ou mesmo sesmilenaristas. Esta carta é geralmente considerada pseudoepígrafa³¹, como a epístola de Barnabé, e foi composta, segundo Talbert, na primeira metade do segundo século³². O mesmo autor afirma que 2Pe

²⁹ Cf. COHN, Norman. *Cosmos, caos e o mundo que virá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 222, onde o autor argumenta com propriedade que se o reino messiânico em Daniel não fosse entendido como um reino de caráter terreno, “por que a garantia de que nunca ‘passará para outro povo’? De fato, o que mais poderia significar uma pedra que preenche ‘toda a terra’?”

³⁰ A exemplo do que se lê em Bn 4: “precisamos tomar o maior cuidado *nesses últimos dias*”.

³¹ No sentido de que é um documento não escrito pelo autor expressamente apontado no texto. Cf. FENTON, John C. Pseudonymity in the New Testament. In: *Theology* 58 (1955): 52: “Provavelmente 2Pe é o [documento do Cânon neotestamentário] mais freqüentemente aceito como pseudopígrafo, com as Epístolas Pastorais [atribuídas a Paulo] logo em seguida”. Ver ainda a consideração enfática de BAUCKHAM, Richard. Pseudo-apostolic letters. In: *Journal of Biblical Literature* 107.3 (1988): 469: “Os estudiosos do Novo Testamento são agora quase unânimes na opinião de que pelo menos uma carta do Novo Testamento, 2Pe, é pseudopígrafa”.

Entretanto, deve-se lembrar que pseudonímia não é necessariamente sinônimo de fraude, muito mais na Antigüidade, quando ela era vista, em várias ocasiões, não somente como um recurso literário lícito, mas também, em determinados casos, como uma necessidade imposta pelas expectativas de forma e de autoria do próprio público a quem o autor real queria se dirigir. Sobre este tema, cf. FENTON, *Pseudonymity*, pp. 53-56.

³² TALBERT, Charles H. II Peter and the delay of the Parousia. In: *Vigiliae Christianae* 20.3 (1966): 145.

é “um testamento ou discurso de despedida”³³, e talvez a melhor descrição quanto ao seu gênero literário seja dizer que ela é “um testamento em forma epistolar”³⁴.

A consideração de 2Pe 3:8 de que um dia é para Deus como mil anos e mil anos como um dia³⁵ aparece em um contexto não apenas de temáticas escatológicas, mas também de disputas internas nas comunidades cristãs a que se dirige à “carta-testamento” sobre a veracidade ou não do Juízo Final e da segunda vinda de Cristo. Que pelo menos parte dos destinatários do texto estava perturbada pelas críticas dos “escarnecedores cheios de zombaria” e “homens ímpios”³⁶ é um dado que se pode depreender da leitura de 2Pe 3, passagem na qual se repete algumas vezes as palavras “recordar” e “não esquecer”. Com efeito, o reiterado uso destes dois verbos, não obstante sua possível função formular, deixa entrever que as realidades escatológicas supracitadas, as quais deveriam ser retidas na memória pelos fiéis, tinham sido, de certo modo, abaladas pela pregação dos “escarnecedores”³⁷. Estes diziam em tom irônico: “Onde está a promessa de sua vinda [a do Segundo Advento de Cristo]? Desde que nossos pais morreram, tudo continua como desde o princípio do mundo”³⁸. Assim, pela argumentação do atraso da Parusia este grupo negava sua existência, bem como colocava em dúvida outras crenças relacionadas à Segunda Vinda de Cristo, como a do Juízo Final e, ao que parece, retiravam uma moral laxista de tal ensinamento³⁹. Deste modo, o autor de 2Pe achou necessário recordar que, da mesma forma que o mundo foi formado a partir da água e por ela foi destruído, quando do Dilúvio, assim também esta criação espera o momento em que será consumida pelo fogo,

³³ TALBERT, *II Peter*, p. 140. Sobre a declaração de que a hora da partida de Pedro estava próxima, o que coloca todo o documento em uma perspectiva testamentária, cf., em especial, 2Pe 1:12-15.

³⁴ Pois dizer que 2Pe é um testamento não faz necessário negar a sua classificação como carta. De acordo com a taxionomia das cartas pseudépígrafas proposta por Bauckham, op.cit., ela poderia ser encaixada no tipo “carta literária”, ou seja, ela é um outro tipo de texto (no caso, um testamento) colocado em forma de carta. Sobre a facilidade do gênero epistolar em ser apropriado quanto à forma por outros gêneros literários, em especial discursos e tratados filosófico-teológicos, cf. BAUCKHAM, *Pseudo-apostolic letters*, p. 473.

³⁵ 2Pe3:8: “Isto somente não vos esqueçais: um dia é junto ao Senhor como mil anos, e mil anos como um dia” (ἐν δὲ τούτῳ μὴ λαντανέτω ὑμᾶς, ἀγαπητοί, ὅτι μία ἡμέρα παρὰ Κυρίῳ ὡς χίλια ἔτη καὶ χίλια ἔτη ὡς ἡμέρα μία).

³⁶ 2Pe 3:3 (“ἔμπαίκται”) e 3:17 (“ἄθεσμοι”), respectivamente. Estas são as palavras utilizadas pelo autor de 2Pe para denominar os grupos contra os quais escreve. A edição grega do Novo Testamento usada é a de BOVER, José María; O’CALLAGHAN, José. *Nuevo Testamento trilingüe*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

³⁷ Assim, não há como dizer, como faz Talbert (*II Peter*, p.137), que “ela [2Pe] não oferece evidência de sérios distúrbios entre os cristãos causada pela demora da Parusia”. Sobre a função dos verbos “recordar” (ὑπομνησκῶ) e “entender” (γιγνώσκω) na carta, cf. Idem, pp. 138-139.

³⁸ 2Pe 3:4.

³⁹ Cf. 2Pe 3:3, onde os “escarnecedores” são rotulados como pessoas “que caminham de acordo com as suas próprias concupiscências (κατὰ τὰς ἰδίας ἐπιθυμίας αὐτῶν πορευόμενοι). Ver também, ao longo de 2Pe 2, as invectivas do autor contra os “falsos profetas” (os quais devem, provavelmente, ser identificados com os adversários doutrinários do cap. 3).

“no dia do Juízo e do extermínio dos homens ímpios”⁴⁰. Então, é logo em seguida a este discurso que vem o trecho do “um dia igual a mil anos”, que é complementado com a declaração expressa de que o Senhor não está demorando em retornar e sim dando um tempo a mais para que se faça penitência pelos pecados⁴¹. Mas que ele certamente voltará logo, com o fogo do Juízo, ninguém deve pôr em dúvida, segundo o autor⁴².

Com efeito, não é possível afirmar de maneira categórica (pelo menos não sem demonstrar certa temeridade) que o autor de 2Pe, ao fazer a identificação de um dia com um milênio para Deus, estava realmente pensando que cada dia da semana de Gn 1 representava mil anos de história e que esta duraria seis mil anos, antes de acontecer a Parusia. Contudo, essa hipótese existe e não deve ser descartada, em especial porque o trecho de 2Pe 3:8 encontra-se em um contexto de debate claro sobre quando se dará o fim dos tempos, sobre o porquê de Cristo estar demorando em voltar e se esse “adiamento do fim” deveria realmente ser visto como um atraso ou, de modo mais correto (na opinião de 2Pe), como uma amostra de misericórdia de Deus para com os pecadores, os quais devem se converter antes do Juízo, que virá com certeza.

O último autor a ser considerado neste ensaio é Justino Mártir. É conhecida a passagem do capítulo 80 da obra *Diálogo com Trifon*, na qual ele defende que “haverá uma ressurreição dos mortos e mil anos em Jerusalém, que será então construída, adornada e engrandecida, como os profetas Ezequiel, Isaías e outros declararam”. Na Cidade Santa dos judeus, Cristo reunirá nesse milênio os cristãos, os patriarcas e os profetas, e eles se regozijarão no Salvador⁴³. Há a possibilidade de se defender que Justino seria hexaquiliasta, a partir do trecho em que ele interpreta a passagem de Isaías sobre os “dias da árvore [da vida]” (Is 65:22) e a correlaciona à vida de Adão, o qual não ultrapassou os mil anos de idade. E este trecho seria ainda mais significativo pelo fato de Justino citar, logo em seguida, 2Pe 3:8 (“um dia, junto ao Senhor, é como mil anos, e mil anos como um dia”), um dos textos basilares para hexaquiliastas posteriores⁴⁴. Contudo, no contexto deste capítulo, tais

⁴⁰ 2Pe 3:7. Para as informações desse período, cf. 2Pe 3:5-7.

⁴¹ Cf. 2Pe 3:9.

⁴² Cf. 2Pe 3:10.

⁴³ JUSTINO, *Diálogo* 80.

⁴⁴ JUSTINO, *Diálogo* 81: “Agora nós temos compreendido que a expressão usada entre estas palavras: ‘Como os dias da árvore serão os dias do meu povo; e as obras de seus trabalhos diários irão frutificar’ [Is 65:22], predizem, de modo obscuro, mil anos. Pois como foi dito a Adão que no dia em que ele comesse da árvore, ele morreria, nós sabemos que ele realmente não completou mil anos. Nós percebemos, mais ainda, que a expressão “o dia do Senhor é como mil anos” [2Pe 3:8; cf. também Sl 90:4] está ligada a esse assunto. E além do mais, houve um certo homem entre nós, cujo nome era João, um dos apóstolos de Cristo, que profetizou,

passagens bíblicas não surgem como um apoio à crença de que o mundo duraria seis mil anos antes que acontecesse o Julgamento Final, quando começaria o reino messiânico, entendido como o sétimo milênio. Pelo contrário, elas aparecem em Justino como meio para embasar o argumento de que “os novos céus e a nova Terra” preditos por Isaías 65 haveriam de se concretizar historicamente, e esta não seria uma etapa definitiva, mas sim temporária da história, um período que deve ser identificado com o reino messiânico milenar terreno que vários cristãos acreditavam que haveria de ser instaurado, sob a autoridade de Jesus, no fim dos tempos⁴⁵. É com esta motivação de provar a ocorrência futura do milênio que o final de Is 65:22 (“como os dias da árvore...”) é contraposto por Justino, por um lado, com a idéia de que Adão não completou mil anos e, por outro, com a citação de 2Pe 3:8, cujo tema da correlação entre milênio e dia poderia ser reconhecido e aceito pelo seu interlocutor judeu a partir do texto similar a 2Pe presente em Sl 90:4⁴⁶.

Portanto, se o hexaquilismo do Pseudo-Barnabé mostra-se um fato claro e o de Justino ainda fica por ser comprovado, os problemas de identificação de um milenarismo literal na epístola daquele contrastam com a clareza da definição, feita por este último, do reino terreno de Cristo como o período de mil anos antes do Juízo Final. Para Justino, o milênio é apenas uma etapa intermediária e, depois dela, os justos passarão de uma vida ressuscitada na terra para viver no céu “iguais a anjos”, onde “eles nem se casarão nem se darão em casamento”⁴⁷. O hexaquilismo só será acompanhado, de maneira inequívoca, pela crença no milênio a partir dos trabalhos de Irineu de Lião. Este sim, sem margem de erro, pode ser identificado como um heptaquilista e, quem sabe, seja o primeiro autor a defender a idéia de semana cósmica de que se tem conhecimento.

pela revelação que foi feita a ele, que aqueles que acreditaram no nosso Cristo habitariam por mil anos em Jerusalém [Ap 20:1-6]”.

⁴⁵ Por Justino conhecemos que, em seu tempo, havia dissensões internas entre os grupos cristãos sobre a validade ou não da crença literal no milênio. Pois, depois de afirmar, no texto de *Diálogo* 80, ao seu interlocutor Trifon que “eu e muitos outros somos desta opinião [ou seja, de que Jerusalém será reconstruída e congregará os justos sob o domínio de Cristo]”, ele declara: “Mas, por outro lado, eu mostrei para você que muitos que pertencem à pura e piedosa fé, e são verdadeiros cristãos, pensam de outra forma”, ou seja, rejeitam o milênio. Luneau (*L'Histoire du salut*, p. 83), destaca com propriedade que Justino pensava os milenaristas cristãos como um grupo numericamente significativo (por isso o uso do adjetivo “muitos” - *πόλλους*) e que, na sua opinião, não deixavam de ser verdadeiros cristãos por se recusarem a acreditar no milênio (Justino os chama de pessoas “que pertencem à pura e piedosa fé”).

⁴⁶ Sl 90:4: “Porque mil anos, diante de vós, são como o dia de ontem que já passou, como uma só vigília da noite”.

⁴⁷ JUSTINO, *Diálogo* 81, citando Lc 20:35s.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUCKHAM, Richard. Pseudo-apostolic letters. In: *Journal of Biblical Literature* 107.3 (1988): 469-494.
- COXE, A. Cleveland. The Apostolic Fathers with Justin Martyr and Irenaeus. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James (eds.). *The ante-Nicene fathers: translations of the writings of the father down to A.D. 325*. Vol. 1. Edinburgh/Grand Rapids: T. & T. Clark/Eerdmans, 1989-1990.
- COHN, Norman. *Cosmos, caos e o mundo que virá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- COLLINS, Adela Y. Numerical symbolism in Jewish and early Christian apocalyptic literature. In: HASSE, Wolfgang; TEMPORINI, Hildegard (ed.). *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Berlin: De Gruyter, 1984.
- DANIÉLOU, Jean. La typologie millenariste de la semaine dans le christianisme primitif. In: *Vigiliae Christianae* 2 (1948): 1-16.
- FENTON, J.C. Pseudonymity in the New Testament. In: *Theology* 58 (1955): 51-56.
- FREDRIKSEN, Paula. Apocalypse and redemption: from John of Patmos to Augustine of Hippo. In: *Vigiliae Christianae* 45 (1991): 151-183.
- HILL, Charles E. *Regnum Caelorum: patterns of millennial thought in early Christianity*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2001.
- LUNEAU, Auguste. *L'histoire du salut chez les Pères de l'Église: la doctrine des âges du monde*. Paris: Beauchesne, 1964.
- BOVER, José Maria; O'CALLAGHAN, José. *Nuevo Testamento trilingüe*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.
- QUASTEN, Johannes. *Patrología*. Vol. 1: Hasta el Concilio de Nicea. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1991.
- TALBERT, Charles H. II Peter and the delay of the Parousia. In: *Vigiliae Christianae* 20.3 (1966): 137-145.